

RUBEM VALENTIM

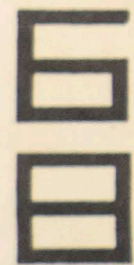
Pinturas

Instituto de arte contemporânea



GALERIA BONINO

Rio de Janeiro Brasil



GALERIA BONINO Rua Barata Ribeiro, 578 Rio de Janeiro Brasil

instituto de arte

DADOS BIOGRÁFICOS

Rubem Valentim nasceu em 1922 em Salvador, Bahia. É um autodidata: começou a pintar ainda menino, fazendo figuras e paisagens para presépios de Natal. Estudou Odontologia, tendo exercido a clínica sem nunca ter deixado de pintar. Depois, em 1948, abandonou aquela profissão para dedicar-se à arte. Participou do movimento renovador das artes iniciado na Bahia em 1946. No ano de 1957 transfere-se para o Rio. Em 1962 ganha o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no XI Salão Nacional de Arte Moderna. Viaja para a Europa onde permanece três anos. Visitando Museus, Galerias de Arte, interessando-se principalmente pela Arte Negra e dos Povos Primitivos, viaja pela Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria, Espanha, Portugal, Itália. Fixa-se em Roma, aí trabalha e expõe. Percorre toda a Itália. Visita as Bienais de Veneza de 1964 e de 1966. Vai a África participando da Exposição de Arte Contemporânea do I Festival Mundial de Arte Negra, 1966, Dacar, Senegal. Retorna a Roma. Vem para o Brasil em setembro de 1966. Convidado para participar na I Bienal Nacional de Artes Plásticas - Salvador Bahia - 1966-67, com Sala Especial, tendo obtido Prêmio Especial pela contribuição à pintura brasileira.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

- 1954 - Palácio Rio Branco - Salvador - Bahia.
Galeria Oxumarê - Salvador - Bahia.
- 1961 - Petite Galerie - Rio de Janeiro.
Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1962 - Galeria Relêvo - Rio de Janeiro.
- 1965 - Galeria de Arte da Casa do Brasil - Roma - Itália.
- 1967 - Hotel Nacional Brasília - Patrocínio do I.C.A.
Universidade de Brasília.
Galeria Bonino - Rio de Janeiro

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS:

- 1949 a 1955 - Salão Baiano de Belas Artes - Salvador, Bahia.
- 1950 - «Novos Artistas Baianos» - (Caderno da Bahia) Instituto Geográfico e Histórico. - Salvador, Bahia.
- 1955 - III Bienal de São Paulo.
- 1956 - Salão Nacional de Arte Moderna - Rio de Janeiro.
«Artistas Modernos da Bahia» - Galeria Oxumarê Salvador, Bahia.
- 1957 - «Artistas da Bahia» MAM de São Paulo.
- 1959 - «Oito Artistas Contemporâneos» - Rio de Janeiro.
«Abstratos Brasileiros» - Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
Salão Nacional de Arte Moderna - Rio de Janeiro.
V Bienal de São Paulo.
- 1960 - Salão Nacional de Arte Moderna - Rio de Janeiro.

- 1961 - «Artistas Brasileiros» - EUA.
VI Bienal de São Paulo.
Salão Nacional de Arte Moderna - Rio de Janeiro.
- 1962 - Salão Paulista de Arte Moderna - São Paulo.
XXXI Bienal de Veneza, Itália.
«Artistas Brasileiros da XXXI Bienal de Veneza» Roma, Itália.
«22 Artistas» - Galeria Relêvo - Rio de Janeiro.
Salão Nacional de Arte Moderna - Rio de Janeiro.
- 1963 - VII Bienal de São Paulo.
- 1965 - «Alternative Attuali/2 - Rassegna Internazionale di Pittura, Scultura, Grafica» - L'Aquila, Itália.
- 1966 - «Exposition d'Art Contemporain - Tendances et Confrontations» - Premier Festival des Arts Nègres - Dacar, Senegal.
- 1967 - Abstratos Geométricos - ENBA - Rio.

PRÊMIOS:

- 1955 - Prêmio «Universidade da Bahia», Salão Baiano de Belas Artes.
- 1958 - Prêmio de «Aquisição», Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- 1960 - Prêmio da «Aquisição», da Federação Nacional das Indústrias - Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
Isenção de Júri - Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro
- 1961 - «Primeiro Prêmio» (com Milton Dacosta) no Salão da Petite Galerie - Rio de Janeiro.
- 1962 - «Prêmio de Viagem ao Estrangeiro» - XI Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
«Medalha de Ouro» - Salão Paulista de Arte Moderna - São Paulo.
«Prêmio da Crítica» - Associação Internacional dos Críticos de Arte, seção Brasileira, pela melhor exposição do ano.
- 1966 - Prêmio Especial pela contribuição à pintura brasileira - I Bienal da Bahia.

Encontram-se obras do Artista no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, na Galeria Nazionale d'Arte Moderna di Roma e em coleções particulares no Brasil e no exterior. Escreveram sobre sua pintura: Murilo Mendes, Theon Spanudis, Ferreira Gullar, Flávio de Aquino, Mário Pedrosa, José Geraldo Vieira, Antônio Bento, José Roberto Teixeira Leite, Quirino Campofiorito, Mário Barata, Jayme Maurício, Vera Pacheco Jordão, Wilson Rocha, José Valadares, Clarival Valadares, Enrico Crispolti, Giulio Carlo Argan, Giuseppe Marchiori, Umbro Apollonio, Sandra Orienti, Frederico Moraes.

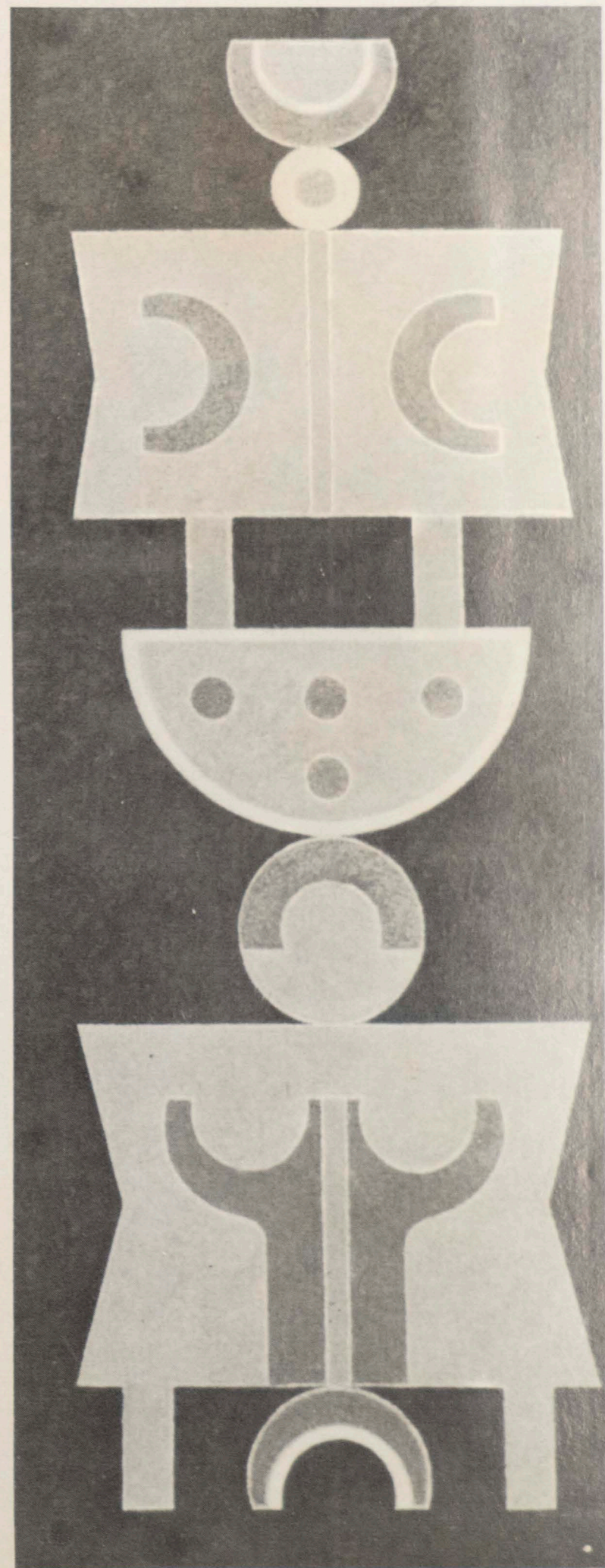
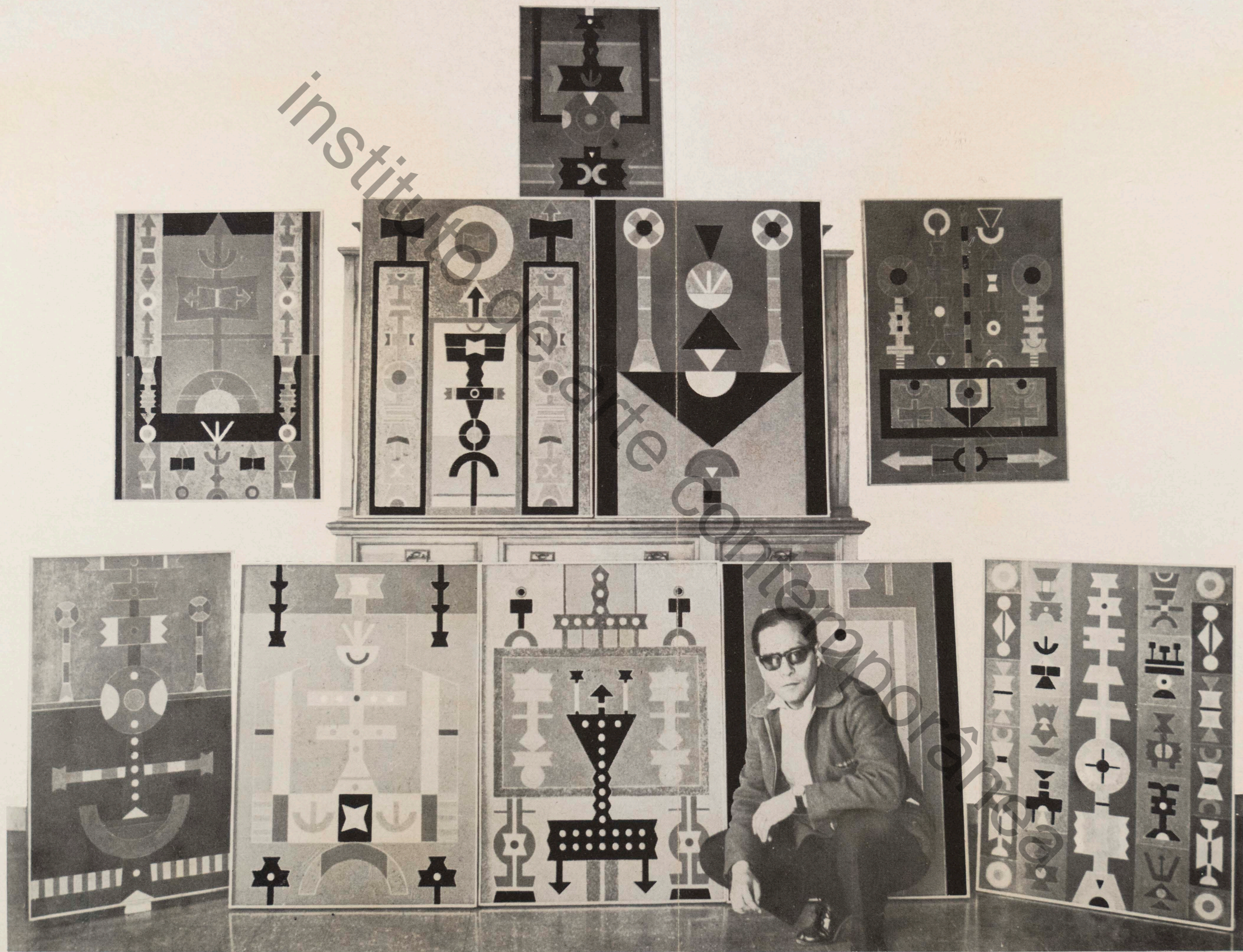
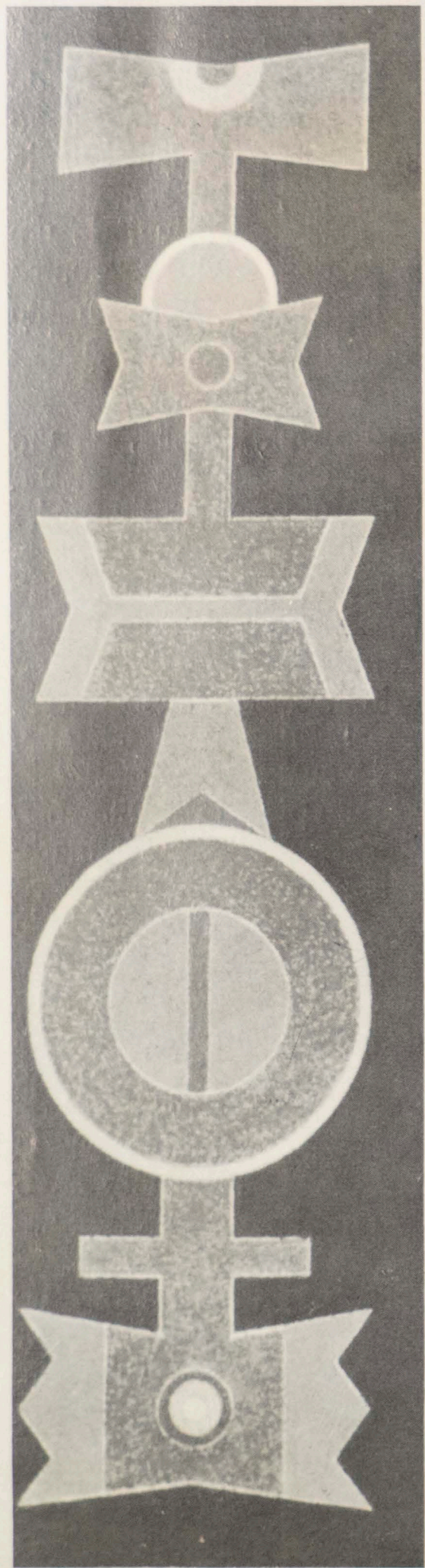
OBRAS EXPOSTAS

- | | | |
|----|---|--------------------|
| 1 | - Pintura n.o 27, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 2 | - Pintura n.o 26, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 3 | - Pintura n.o 25, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 4 | - Pintura n.o 30, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 5 | - Pintura n.o 28, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 6 | - Pintura n.o 15, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 7 | - Pintura n.o 16, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 8 | - Pintura n.o 29, óleo sôbre tela, Roma, | 1965-66. 1m x 0,73 |
| 9 | - Composição Bahia n.o 1, óleo sôbre tela, Roma, | 1966. |
| 10 | - Pintura n.o 4, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1964. 0,73 x 0,50 |
| 11 | - Pintura n.o 10, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 0,73 x 0,54 |
| 12 | - Pintura n.o 7, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 0,70 x 0,50 |
| 13 | - Pintura n.o 14, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 14 | - Pintura n.o 12, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 15 | - Pintura n.o 13, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 16 | - Pintura n.o 11, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 1m x 0,73 |
| 17 | - Pintura n.o 5, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1964. 1m x 0,73 |
| 18 | - Pintura n.o 6, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1964. 1m x 0,73 |
| 19 | - Pintura n.o 3, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1964. 0,75 x 0,50 |
| 20 | - Pintura n.o 8, têmpera a ôvo sôbre tela, Roma, | 1965. 0,70 x 0,50 |

A CONTEMPORANEIDADE DE RUBEM VALENTIM

Na I Bienal da Bahia, um dos momentos mais significativos e mais felizes foi a possibilidade de um cotejo entre artistas de autêntica significação cultural; quanto às suas origens e à contribuição que suas obras vêm trazer à definição da arte brasileira. Havia ali, ao lado de uma Lígia Clarck ou de um Hélio Oiticica, ao Sul, e de um F. Brennand, ao Norte, a presença de extraordinária importância de Rubem Valentim, que pertence à mesma família espiritual de um Volpi, de uma Tarsila. Sua pintura, com efeito, além de ser uma conquista da convicção contra a moda, o fácil, o pitoresco (pecado tão fácil de se cometer na Bahia!) exprime também um momento importante do que poderia ser uma pintura brasileira autêntica, e não de intenções apriorísticas, de receitas ou pré-fabricadas.

Ele fez na Bahia, para a pintura brasileira, o que Tarsila e Volpi fizeram no Sul. Tarsila, de um meio aristocrático e altamente sofisticado (aliás, como o de Brennand), nos deu após a Semana de Arte Moderna, mas através de Paris, Léger e o formidável Oswaldo de Andrade da POESIA PAU BRASIL e da ANTROPOFAGIA, a revelação da poética ingênua da «civilização caipira», com seus esquemas formais e colorísticos (o famoso rosa baú) e depois a admirável fabulação antropofágica que integrou mitos indígenas (sem indianismos literários românticos) à nossa paisagem natural e espiritual. Se o velho, grande Volpi, o único da família nascido no exterior, na Itália, de pais imigrantes, mas no Brasil desde os dois anos, criou, por intuição e mestria artesanal a pintura abstrata brasileira, extraída da paisagem popular urbana e suburbana paulistana, das cores, dos tons, da atmosfera e da luz adjacentes, transubstanciando-a na essencialidade moderna, isto é, universal; Valentim, mais moço de uma geração, de origem plebéia como ele, autodidata, iniciou a carreira como um rebelde contra a estética então dominante do chamado feudalismo baiano. Recusou-se a um regionalismo de fachada, de idéias feitas, de anedotário para turistas, de pitoresco e de enfeitiçamentos folclóricos. O paradoxalmente significativo nessa atitude é que, em nome do que havia de mais profundo no contexto popular autóctone de sua terra, o sincretismo religioso litúrgico afro-brasileiro, foi o primeiro artista abstrato da Bahia. Sofreu e lutou por isso. Diferentemente do seu colega pernambucano, o ecológico, a paisagem, o visual puro não foram os elementos que primeiro condimentaram sua pintura. Plebeu, proletário, como Volpi, cidadão, sua inspiração é urbana, em face de um Cícero Dias, Brennand ou Tarsila, de inspiração campestre, gente da Casa Grande. Ele partiu, indiferente aos feitiços da natureza ambiente, que os olhos devoram, já de um plano antropológico cultural mais abstrato, isto é, o da criação coletiva intuitiva em si. Dominado pela carga simbólica dos signos mágicos da liturgia negra em meio dos quais crescera, os transfigurou em formas pictóricas abstratas; geometricamente belas em si, e túrgidas. Ávido e pobre, procedeu por apropriação num instinto de possessão quase obsessivo. Há algo de antropofágico na sua arte no sentido oswaldiano — ser produto de deglutições culturais. Ao transmutar fetiches em imagens e signos litúrgicos em signos abstratos plásticos, Valentim os desenraíza de seu terreiro e, carregando-os de mais a mais de uma semântica própria, os levá ao campo da representação por assim dizer emblemática, ou numa heráldica, como disse o professor Giulio Carlo Argan. Nessa representação, os signos ganham em universalidade significativa o que perdem em carga original mágico-mítica. O artista projeta mesmo, abandonando também a fatalidade da tela, organiza seus signos no espaço,



talhados como emblemas, brasões, broquéis, estandartes, barandões de uma insólita procissão, procissão talvez de um misticismo religioso sem igreja, sem dogmas a não ser a eterna crença das raças e povos oprimidos no advento do milênio, na fraternidade das raças, na ascensão do homem.

Deduz-se de tudo que, o que é primitivo ou elementar, também pode ser contemporâneo. Contemporâneo e primitivo — brasileiro. O mundo planetário aberto dos astronautas e o mundo imenso dos subdesenvolvidos do hemisfério sul são contemporâneos e contraditórios, como o Brasil por sua vez, em face do mundo. O Brasil é ao mesmo tempo um anacronismo e uma promessa. Entre um e outro extremo os artistas aqui mencionados com Rubem Valentim trabalham, para a mesma síntese. A tarefa deles consiste em expressar esse anacronismo, como se tratasse de uma operação de catarse para a seguir subsumi-lo no universal, ou partem do universal contemporâneo e já está implícito na promessa. A distância de ponto de partida pode ser grande, mas além dos elos comuns de fundo cultural e moral, como brasileiros há a responsabilidade por uma idéia ou atitude que, caracterizando-os através do trabalho criativo, não veio de fora por acaso ou por moda, mas brotou nêles do complexo sócio-econômico-cultural-moral-artístico onde se situam, onde vivem, trabalham: Recife ou Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasil... e inevitavelmente, o planeta.

MÁRIO PEDROSA - Rio, 1967

Tive a ventura de conhecer Rubem Valentim no seu atelier, na Bahia, há uns dez anos passados e já então pude apreciar a seriedade da formulação do seu trabalho, assim como a qualidade da sua atitude artística. Todavia, as pinturas criadas recentemente foram uma espécie de surpresa, não havendo eu então previsto um desenvolvimento tão persuasivo e de tal nível, apesar de que na Bienal de Veneza de 1962 sua pintura tivesse já registrado um notável salto qualitativo em relação àquelas vistas por mim, na Bienal de São Paulo de 1955. O tempo jogou, portanto, a favor de Valentim, e a severidade da sua dedicação à arte deu-lhe vantajosos méritos.

Interessa em Rubem Valentim um duplo aspecto: o ter mantido e quase exaltado um caráter de fundo brasileiro — daquele Brasil onde felizmente se fundem elementos negro-africanos e indígenas — sem por isso cair no fácil primitivismo no qual prevalece a ilustração folclórica, e haver ao mesmo tempo adotado sugestões da linguagem plástica contemporânea sem disso fazer um esquema, pelo contrário, regenerando-os com uma fabulosa carga que lhe vem das origens. Assim, a abstração geométrica das suas imagens não é de forma alguma genérica, simples e frio exercício, mas é a ordenação, no mais das vezes simétrica, de dados tirados da presença e memória de ordem mítica e ritual. Ele se apodera desses dados e de sua fantasia, os revive, os recria para dar-lhes um significado atual, resultando num contexto nôvo, no qual a origem popular torna os termos formais tanto mais intensos e mágicos.

Rubem Valentim, com rigor quase místico, ordena as suas figuras com exatidão impecável, as reveste de côres limpas e precisas em segura harmonia, fixa uma emoção sem desvios ou vacilações. Talvez exista, não se pode esconder, um contrôlo muito medido, talvez haja uma repetição de signos iconográficos — o patrimônio mitológico tem as suas formas simbólicas imutáveis — às vezes se adverte uma espécie de adaptação estilizante, mas a espontaneidade do sentimento inspirador e da vocação preservam naturalmente a sua pintura destes perigos. O quadro se impõe assim com a sua propriedade de específico conteúdo poético. Veneza, 1966

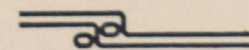
UMBRO APOLLONIO

Diretor dos Arquivos da Bienal de Veneza

«Edições Galeria Bonino»

Catálogo Biográfico

Impresso pelo Atelier de Arte



Rio de Janeiro
Brasil

instituto de arte contemporânea

De 18 de julho a 5 de agosto de 1967

Exposição N.º 80